

## A MULHER NO DRAMA CONTEMPORÂNEO DE VALTER

HUGO MÃE.

Thainá Cardoso Fortes <sup>1</sup>

Noemy Oliveira Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho parte da experiência e reflexão sobre a relevância da crítica nos estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea dentro do curso de Letras Língua Portuguesa, com ênfase em estudos de gênero, utilizando-se da obra literária como disparador reflexivo. Essa análise se desenvolve a partir da leitura crítica do romance *O Remorso de Baltazar Serapião* do escritor português Valter Hugo Mãe, analisando a representação das personagens mulheres na obra a fim de identificar a construção imagética da mulher no Contemporâneo. Objetivando compreender a relevância desta obra nos estudos de literatura em diálogo direto com a sociedade hodierna, leva-se em consideração além do texto em si, o contexto da narrativa - medieval - e seus aspectos de profícua relação com a atualidade. Nessa perspectiva, a análise toma como referencial teórico *O Calibã e a Bruxa* de Silvia Federici para compreender o contexto da desvalorização do trabalho da mulher, intrinsecamente ligada à estratificação de classe e gênero, acumulação primitiva, bem como o processo de objetificação e demonização da mulher. Para além de Federici, pauta-se também em *A Origem do Drama Trágico Alemão* de Walter Benjamin para entendimento do processo de rememoração na cultura, entendendo a importância da alegoria na relação do real com o vivido e a história. Em Baltazar Serapião apesar do fio narrativo ser desenvolvido em contexto medieval, o que torna esta obra de um autor contemporâneo relevante aos estudos de gênero na atualidade, é sobretudo, seu possível encaixe com o contexto moderno, logo, cabe dizer que o processo de rememoração evocado nesta obra, desperta o efetivo aproveitamento de experiências humanas complexas de um passado não superado totalmente, em função das necessidades das lutas que travamos no presente.

**Palavras-chave:** Imagem da mulher, literatura portuguesa contemporânea, romance, gênero e literatura.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se no campo dos estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea e nasce do interesse crítico pela obra *O remorso de Baltazar Serapião*, de Valter Hugo Mãe, autor cuja produção tem se destacado por tensionar, de modo singular, o humano e o histórico no horizonte do contemporâneo. Seguindo a concepção de Giorgio Agamben (2009), entende-se por contemporâneo aquele que, por meio de um descompasso, de uma defasagem ou anacronismo, é capaz de perceber seu próprio tempo,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA, [thainacfortes@gmail.com](mailto:thainacfortes@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA; [noemy.olivs@email.com](mailto:noemy.olivs@email.com);



iluminando as zonas obscuras e marginais que o constituem. Assim, a literatura contemporânea não é apenas a que representa a atualidade, mas a que, por meio da estranheza e da inadequação, evidencia o que o presente insiste em ocultar.

Nesse sentido, *O remorso de Baltazar Serapião* apresenta-se como um romance alegórico que, ao revisitar o contexto medieval, realiza uma operação crítica sobre o presente. A alegoria, compreendida a partir de Walter Benjamin (1984) em *A origem do drama barroco alemão*, configura-se como forma privilegiada para a expressão da ruína, da memória e da fragmentação histórica. Ao romper com a unidade simbólica e expor o múltiplo e o heterogêneo, a alegoria revela-se também uma estética da alteridade, um gesto ético e político que permite a emergência das vozes marginalizadas e silenciadas pela tradição.

Na narrativa de Valter Hugo Mãe, acompanhamos Baltazar, um jovem camponês que vive sob a autoridade de Dom Afonso e cuja trajetória se cruza com figuras femininas marcadas pela opressão e pela violência simbólica: Ermesinda, Mãe Serapião, Teresa Diaba, Gertrude, Dona Catarina e bruxa. Todas, à sua maneira, representam as formas históricas de dominação patriarcal e social que reduzem a mulher à condição de corpo disponível, servil ou demonizado. O romance, ao evocar esse passado arcaico, reflete as continuidades estruturais de exclusão e desvalorização do feminino que persistem na modernidade.

Dessa constatação deriva o problema central deste trabalho: de que modo a alegoria e o anacronismo em *O remorso de Baltazar Serapião* configuram uma representação crítica da mulher e de seu lugar histórico no imaginário social? A partir dessa questão, o objetivo geral é analisar as imagens femininas na obra à luz dos estudos de gênero e das categorias benjaminianas de alegoria e memória, buscando compreender como o texto, embora ambientado no medievo, se articula com os impasses éticos, políticos e culturais da contemporaneidade.

Como aporte teórico, o estudo ancora-se primordialmente em *O Calibã e a Bruxa* (Federici, 2004), que elucida a gênese da opressão feminina na transição ao capitalismo e o processo de desvalorização do trabalho da mulher, articulando-o às dinâmicas de classe e poder; e em *A origem do drama barroco alemão* (Benjamin, 1984), para compreender o papel da alegoria e da rememoração histórica.

Busca-se, por meio da observação das estratégias narrativas e das construções simbólicas, identificar como a literatura de Valter Hugo Mãe atualiza, denuncia e tensiona as estruturas históricas de dominação que recaem sobre o corpo e a voz da mulher.



Espera-se demonstrar que a narrativa de *O remorso de Baltazar Serapião* atua como alegoria da persistência das violências estruturais, oferecendo uma leitura em que o feminino se torna metáfora da história: uma história de silenciamento, resistência e sobrevivência. Assim, a obra revela o modo como o passado se inscreve no presente, e como o contemporâneo, segundo Agamben, consiste precisamente nesse olhar capaz de perceber a escuridão do tempo e convertê-la em luz crítica.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa, sustentada pela análise bibliográfica e crítica da obra literária. Por tratar-se de uma investigação voltada à leitura e à interpretação simbólica de um texto ficcional, o método privilegia a articulação entre teoria e literatura, buscando compreender como a forma narrativa (o texto) e o contexto histórico se entrelaçam na construção das imagens femininas e na representação da mulher como sujeito social e político. O corpus selecionado, *O remorso de Baltazar Serapião*, de Valter Hugo Mãe, foi escolhido por condensar, de modo alegórico e contundente, a persistência das estruturas de opressão feminina que atravessam diferentes períodos históricos, reatualizando, no contemporâneo, a violência e a desvalorização do corpo da mulher.

O percurso metodológico fundamenta-se principalmente nas reflexões de Silvia Federici, cuja obra *O Calibã e a Bruxa* (2004) constitui a base central desta pesquisa. A autora demonstra como a transição do feudalismo para o capitalismo foi marcada por um processo sistemático de subjugação da mulher, na medida em que a caça às bruxas e o controle sobre a reprodução feminina foram mecanismos de disciplinamento e reorganização da força de trabalho. Tal perspectiva teórica permite compreender o romance de Valter Hugo Mãe como uma alegoria das violências estruturais inscritas na gênese do mundo moderno, em que a mulher é duplamente explorada (enquanto corpo e enquanto produtora de vida) e transformada em objeto de repressão social e simbólica.

A leitura crítica da obra foi conduzida sob esse olhar federiciano, atentando para a forma como as personagens femininas: Mãe Serapião, Ermesinda, Teresa Diaba e Gertrude, Dona Catarina e a Bruxa, reproduzem, dentro da ficção, as dinâmicas históricas de exclusão e de controle que Federici identifica no processo de acumulação primitiva. Ao mesmo tempo, buscou-se observar as brechas narrativas que permitem a emergência



da resistência e da agência feminina, mesmo sob o peso das estruturas patriarcais e religiosas.

A metodologia, portanto, consistiu na leitura integral da obra, seguida de uma análise interpretativa das personagens femininas e de suas relações com as figuras masculinas, observando como o texto literário mobiliza estruturas de poder e violência de forma alegórica. A articulação com os referenciais de Walter Benjamin e Giorgio Agamben permitiu compreender o funcionamento da alegoria e da rememoração como dispositivos críticos da história, enquanto Silvia Federici e Joan Scott (2019) forneceram o alicerce teórico para a análise das relações de gênero e da condição feminina no interior do sistema patriarcal.

Trata-se, portanto, de uma investigação teórico-analítica, de caráter interdisciplinar, que combina crítica literária, filosofia e teoria feminista, sem recorrer à coleta empírica de dados. O texto literário constitui, assim, o único material empírico do estudo, analisado à luz dos referenciais teóricos selecionados.

Em síntese, a metodologia aplicada visa demonstrar que a literatura de Valter Hugo Mãe, ao revisitar alegoricamente o passado, denuncia a permanência das formas históricas de dominação feminina e reinscreve, no campo estético, uma reflexão sobre a mulher como sujeito político e simbólico. A abordagem crítica, amparada em Federici e Scott, permite compreender como a ficção se torna um espaço de resistência e de revelação das estruturas que sustentam a desigualdade de gênero, reafirmando o papel da literatura contemporânea como instrumento de rememoração e transformação social.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão teórica que sustenta esta pesquisa parte do pressuposto de que a literatura contemporânea, ao revisitar o passado sob o signo da alegoria, não se limita à reconstituição histórica, mas propõe uma leitura crítica do presente. Tal concepção está ancorada na perspectiva de Walter Benjamin (1984) em *A origem do drama barroco alemão*, na qual a alegoria é compreendida como uma forma de pensamento e expressão que se opõe à ideia de totalidade e continuidade histórica. Para Benjamin, a alegoria não busca a harmonia do símbolo, mas revela o mundo como ruína, fragmento e vestígio de uma experiência que resiste ao apagamento. Essa noção é fundamental para compreender *O remorso de Baltazar Serapião* como um texto que, embora ambientado no medievo, opera uma crítica à modernidade e às permanências estruturais de violência e dominação.



A alegoria, em Benjamin, é também um instrumento de rememoração, não a memória nostálgica do passado, mas o gesto de resgatar o que foi silenciado pela história oficial. Nesse sentido, a estética alegórica permite visibilizar os sujeitos marginalizados e dar forma ao sofrimento histórico. Em Valter Hugo Mãe, essa operação manifesta-se na representação das personagens femininas que, ao serem colocadas em cena como corpos oprimidos, violentados e silenciados, tornam-se alegorias da própria história das mulheres sob o patriarcado. A ruína e o sofrimento inscritos nas figuras de Ermesinda, Mãe Serapião, Teresa Diaba e Gertrude configuram-se, assim, como testemunhos de uma violência estrutural que atravessa o tempo, encontrando eco nas reflexões de Benjamin sobre o “estado de exceção permanente” aquele que, reiteradamente, atinge os corpos vulneráveis e desprovidos de poder.

A partir dessa dimensão benjaminiana, a leitura se amplia com as reflexões de Giorgio Agamben (2009) sobre o contemporâneo. Para o filósofo italiano, o contemporâneo é aquele que percebe a escuridão do seu tempo e, em vez de afastar-se dela, busca nela um ponto de visão crítica. O escritor contemporâneo é, portanto, aquele que se mantém em defasagem com o seu presente, capaz de iluminar aquilo que o tempo quer manter oculto. Em *O remorso de Baltazar Serapião*, essa defasagem manifesta-se na escolha de um cenário medieval para refletir as opressões e contradições modernas. O anacronismo torna-se, assim, uma estratégia estética de revelação: é no distanciamento temporal que a obra enuncia o horror das continuidades históricas, desnudando a persistência da desigualdade de gênero e da violência patriarcal na sociedade contemporânea.

Entretanto, compreender plenamente o alcance crítico dessa alegoria exige recorrer ao pensamento de Silvia Federici (2004), cuja obra *O Calibã e a Bruxa* oferece uma leitura histórica decisiva sobre a relação entre corpo, trabalho e gênero. Federici demonstra que a transição do feudalismo para o capitalismo instituiu uma nova forma de poder sobre o corpo feminino, associando a mulher à esfera da reprodução e submetendo-a a uma lógica de dominação e controle. A caça às bruxas, fenômeno que marca o nascimento do capitalismo, constitui, para a autora, um instrumento de disciplinamento social e sexual: ao demonizar a mulher, o sistema nascente consolidava a subordinação feminina como condição de sua própria sustentação econômica e moral.

Essa reflexão federiciana é essencial para a análise de *O remorso de Baltazar Serapião*, uma vez que o romance expõe, sob forma alegórica, o mesmo mecanismo de opressão descrito por Federici, a transformação da mulher em corpo disciplinado,





apropriado e punido. As personagens femininas do romance, constantemente submetidas à violência física, simbólica e social, representam o corpo coletivo da mulher histórica, aquela que, ao longo dos séculos, foi convertida em instrumento de reprodução e alvo de controle moral. Assim, a literatura de Valter Hugo Mãe dialoga diretamente com o diagnóstico de Federici ao reinscrever, na narrativa, o corpo feminino como território de disputa entre dominação e resistência.

Com vistas a aprofundar a discussão sobre a materialidade simbólica dessas opressões, o estudo também se apoia nos estudos de gênero enquanto categoria de análise social e histórica. Nesse sentido, é pertinente retomar a formulação de Joan Scott (2019), para quem o gênero constitui um elemento estruturante das relações sociais, fundado nas diferenças percebidas entre os sexos e funcionando como uma das formas primárias de significação do poder. Em outras palavras, investigar a questão de gênero significa examinar as hierarquias e as formas de dominação que se perpetuam sob o disfarce da naturalização sexual. Essa perspectiva teórica, ao ser incorporada à análise literária, mostra-se fecunda para compreender como os papéis de gênero são socialmente construídos e reforçados.

A partir dessa premissa, a leitura das personagens femininas em Valter Hugo Mãe permite compreender como os papéis de gênero são socialmente construídos e utilizados como instrumentos de controle e silenciamento. O romance revela, em sua tessitura simbólica, a naturalização dessas violências e a maneira como o discurso masculino se consolida como norma, relegando o feminino à esfera da submissão e do castigo.

A discussão sobre a forma literária e sua relação com o contemporâneo encontra ainda amparo nas reflexões de Flora Süssekind (1987), que, ao discutir a desterritorialização da experiência urbana e o deslocamento do sujeito na literatura brasileira contemporânea, propõe uma leitura da forma como campo de tensão entre experiência e linguagem. Embora o foco da autora seja o contexto brasileiro, sua concepção de forma literária como espaço de conflito e experimentação estética ilumina a obra de Valter Hugo Mãe, que, ao distorcer a linguagem, romper a sintaxe e desestabilizar o discurso narrativo, instaura no texto o próprio mal-estar da contemporaneidade. Essa fragmentação formal é também política, pois encena o colapso das narrativas de poder e cria um espaço onde as vozes subalternas podem emergir.

Dessa maneira, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa integra diferentes vertentes críticas: a alegoria benjaminiana, a contemporaneidade agambeniana, o



feminismo histórico de Federici, a teoria de gênero de Scott e a reflexão formal de Süsskind, compondo um mosaico interpretativo que permite compreender *O remorso de Baltazar Serapião* como uma narrativa que se inscreve entre o passado e o presente. A obra de Valter Hugo Mãe emerge, assim, como alegoria da história das mulheres, convertendo a dor, a opressão e a resistência em matéria literária e em gesto de rememoração.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura crítica de *O remorso de Baltazar Serapião* permite compreender como Valter Hugo Mãe estrutura uma complexa teia de poder que se manifesta em múltiplos níveis, tendo como núcleo a relação entre gênero, classe e violência. A análise interpretativa desenvolvida neste estudo partiu da construção de uma pirâmide hierárquica que evidencia a disposição dos personagens na trama de acordo com o poder que exercem simbólico, econômico e corporal. No topo da pirâmide, situam-se as figuras masculinas associadas à autoridade, ao domínio da terra e ao controle da palavra; abaixo deles, a Vaca Sarga, cuja representação desloca limites entre humanidade e animalidade; na base e parte mais baixa da pirâmide, encontram-se as mulheres, submetidas à opressão e desumanização constante, expondo o lugar destinado às mulheres nesta estrutura que ao desumanizar, objetiva.

Esse rebaixamento das personagens femininas, inclusive em relação à Sarga, expõe um dos mecanismos mais potentes de violência simbólica na narrativa: a animalização das mulheres. Tal processo é reiterado tanto no plano discursivo quanto no simbólico, operando como estratégia de desumanização. A vaca, animal sobre o qual recaem as ações decisivas da obra, é paradoxalmente humanizada, enquanto as mulheres são reduzidas a corpos úteis, objetos de posse ou instrumentos de reprodução. Até mesmo dona Catarina, mulher de posição social mais elevada, é submetida à lógica da objetificação, sendo diminuída por sua idade e por sua incapacidade de atender aos padrões masculinos de desejo e utilidade. O corpo feminino, portanto, é desvalorizado não apenas pela sua condição de gênero, mas também pela sua “inadequação” frente à expectativa patriarcal de submissão e juventude.

Essa lógica reflete, de modo contundente, as análises de Silvia Federici (2017) em *O Calibã e a Bruxa*, quando a autora descreve a formação do capitalismo como um processo de acumulação primitiva sustentado pela expropriação do corpo feminino e pela



desvalorização de seu trabalho reprodutivo e doméstico. O romance de Valter Hugo Mãe, ambientado no contexto medieval, traz à tona as mesmas estruturas que Federici identifica na transição para o capitalismo: a aliança entre a violência patriarcal e a lógica de dominação econômica. Nesse sentido, a mulher medieval de *Baltazar Serapião* encarna o corpo histórico sobre o qual se ergueram os sistemas de poder modernos, corpo que é, simultaneamente, explorado, vigiado e silenciado.

A animalização das mulheres na narrativa se configura, portanto, como um dispositivo alegórico de crítica social. Através da inversão simbólica (a vaca que é humanizada e a mulher que é bestializada), Valter Hugo Mãe tensiona o limite entre o humano e o não-humano, revelando o quanto a opressão de gênero opera pela retirada da humanidade feminina. Essa inversão, que parece absurda, apenas evidencia o caráter naturalizado da violência de gênero, que perpassa séculos e se mantém sob novas roupagens na contemporaneidade. A alegoria, tal como propõe Walter Benjamin, funciona aqui como um meio de rememoração, a evocação de um passado não superado, que retorna para interpelar o presente. Assim, a violência contra as mulheres medievais não é apenas representação histórica, mas uma imagem que reverbera as estruturas ainda ativas no imaginário contemporâneo.

As reflexões de bell hooks (2019) reforçam esse entendimento ao afirmar que a violência masculina tem a função de “corrigir” as mulheres, forçando-as à passividade e submissão. Em *O remorso de Baltazar Serapião*, essa “correção” se manifesta por meio do controle dos corpos femininos, das punições físicas e do silenciamento simbólico. O poder masculino, aqui, não é apenas institucional, mas corporal, ele se realiza através da força, da posse e da violação. Essa lógica, como observa hooks, não se restringe ao contexto medieval, mas estrutura a forma como o patriarcado perpetua suas hierarquias: pelo uso da violência como instrumento pedagógico da dominação, tal como exemplo no trecho a seguir sobre a personagem Teresa Diaba:

a diferença entre ela e uma vaca ou uma cabra era pouca, até gemia de estranha forma, como lancinante e animalesca sinalização vocal do que sentia, destituída de humanidade, com trejeitos de bicho desconhecido ou improvável. e era como lhe vinha naquele fim de tarde, posta sob mim a bater a cabeça no chão para se verter de submissão aos meus grilhões (MÃE, 2010, p. 36)

Dessa forma, a hierarquização dos personagens e a simbologia da animalização revelam que a obra de Valter Hugo Mãe é, antes de tudo, uma crítica à persistência das estruturas de poder que Federici identifica como fundadoras da modernidade. O romance escancara a continuidade entre o passado e o presente, demonstrando que a





desumanização das mulheres é um processo histórico de longa duração, que atravessa as formações sociais e ressurge sob novas formas na sociedade contemporânea. Em síntese, *O remorso de Baltazar Serapião* reatualiza o drama do feminino, fazendo dele uma alegoria viva da luta contra as hierarquias de gênero e de classe que ainda estruturam o mundo moderno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *O remorso de Baltazar Serapião* de Valter Hugo Mãe, à luz das reflexões de Silvia Federici, Walter Benjamin e bell hooks, permitiu compreender que o romance opera como um espaço alegórico de crítica e rememoração das estruturas históricas de opressão que moldaram e ainda moldam a experiência feminina. A partir da leitura simbólica e hierárquica das personagens, evidenciou-se que o autor, embora insira sua narrativa em um contexto medieval, constrói uma obra de intenso diálogo com o presente, sobretudo no que concerne às relações de gênero, poder e violência.

A representação da mulher na obra revela uma clara estrutura de desumanização e controle, onde o corpo feminino é continuamente rebaixado e animalizado. Essa escolha estética e simbólica não é fortuita, mas intencional, funcionando como espelho crítico das violências naturalizadas que perpassam os séculos. Assim como apontado por Federici em *O Calibã e a Bruxa*, a dominação das mulheres é uma peça central no processo de acumulação primitiva e na consolidação das hierarquias sociais que sustentam o capitalismo. A mulher é convertida em corpo produtivo e reprodutivo, ao mesmo tempo explorado e silenciado, e essa operação é o fundamento de uma economia do poder que ultrapassa o tempo histórico e penetra o imaginário cultural.

No romance, o medieval não é uma mera reconstituição temporal, mas um cenário que ecoa as contradições e violências da contemporaneidade. Ao animalizar as mulheres e humanizar a vaca Sarga, Valter Hugo Mãe cria um jogo alegórico que desnuda o absurdo das estruturas de poder e revela o quanto a história da opressão feminina continua viva sob novas configurações. Sendo assim, a violência é uma ferramenta de controle sobre o comportamento e o desejo das mulheres. Essa compreensão amplia o alcance da análise, demonstrando que o romance ultrapassa o registro estético para se tornar também uma denúncia ética e política.



Desse modo, a figura da mulher no drama contemporâneo de Valter Hugo Mãe é mais do que uma representação literária; é uma alegoria da persistência da desigualdade e uma convocação à consciência crítica. A obra reafirma o papel da literatura como campo de resistência e reflexão social, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de manter vivos os estudos de gênero dentro da crítica literária. Afinal, como aponta Joan Scott, compreender o gênero é compreender as relações de poder e é nesse gesto de leitura e interpretação que a crítica literária se converte em ferramenta de emancipação.

Em suma, *O remorso de Baltazar Serapião* revela-se como um potente espelho da cultura ocidental e de suas ruínas, um texto que, ao revisitar o passado, ilumina as continuidades e fissuras que atravessam o presente. A mulher, nesse drama contemporâneo, encarna tanto a dor quanto a força da história e é nesse movimento de rememoração e resistência que reside a relevância de se pensar o feminino na literatura portuguesa contemporânea.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios I Giorgio Agamben; tradutor Vinícius Nicastro Honesko 1. - Chapecó, SC: Argos, 2009.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2020.

FIGUEIREDO, Annie Tarsis Moraes. Feminino, Animalização e violência: as manifestações do insólito n' *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe. XI Colóquio Nacional de representações de Gênero e Sexualidades. Universidade Estadual da Paraíba / PPGLI.

hooks, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MÃE, Valter Hugo. O remorso de baltazar serapião. São Paulo: Ed 34, 2010.

SCOTT, Joan. Gêneros: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Pensamento feminista. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SUSSENKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária: Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. Literatura e sociedade, v. 10, n. 8, p. 60-81, 2005.

